



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

JOSIANE VELOSO SANTOS

DO CLASSICISMO DE SHAKESPEARE À TRILOGIA REALISTA DE MACHADO:
Uma análise comparativa sobre a intertextualidade da obra “Dom Casmurro” com
“Otelo”.

Itapecuru-Mirim
2019

JOSIANE VELOSO SANTOS

DO CLASSICISMO DE SHAKESPEARE À TRILOGIA REALISTA DE MACHADO:
Uma análise comparativa sobre a intertextualidade da obra “Dom Casmurro” com
“Otelo”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Santos, Josiane Veloso.

Do classicismo de Shakespeare à trilogia realista de Machado: uma análise comparativa sobre a intertextualidade da obra “Dom Casmurro” com “Otelo” / Josiane Veloso Santos. – Itapecuru-Mirim, 2019.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Maurílio Barros Cardoso.

1.Literatura comparada. 2.Dom Casmurro. 3.Intertextualidade. 4.Otelo. I.Título

CDU: 821.134.3(81).091

JOSIANE VELOSO SANTOS

DO CLASSICISMO DE SHAKESPEARE À TRILOGIA REALISTA DE MACHADO:
Uma análise comparativa sobre a intertextualidade da obra “Dom Casmurro” com
“Otelo”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Aprovado em ____ / ____ / ____

NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Maurilio Cardoso (Orientador)

Cinthia Andrade T. dos Santos 2º Examinador

Gercivaldo Vale Peixoto 3º Examinador

A Deus, meus pais (Joás e Aldete) que são minha égide, ao meu orientador e a todos os que viajam na leitura de obras imortalizadas.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado a vida, proporcionando-me saúde para mais uma jornada.

Aos meus pais, Joás e Aldete, pelo incentivo durante minha trajetória estudantil.

À minha família, que sempre esteve comigo em todas as situações, especialmente as minhas irmãs: Samara, Suzy, Suzana, Jeise e Gisele que acreditaram que este trabalho seria possível.

Ao meu orientador Maurílio Barros Cardoso, por ter me orientado em todos os aspectos, explicando e tirando dúvidas sobre questionamentos direcionados a esta pesquisa.

Aos meus amigos Francinaldo e Wanderléia pela parceria e aos demais colegas por estarmos unidos, enfrentando as turbulências da vivência universitária.

A todos os professores que passaram pelo CESITA ao longo destes quatro anos e deixaram sementes de sua sabedoria para que eu pudesse, através dela, caminhar até aqui.

Às funcionárias da biblioteca do CESITA, por estarem sempre prestativas e dispostas a ajudar.

À UEMA (Universidade estadual do maranhão), por esta grande e satisfatória experiência de cursar Letras.

“A missão da literatura e fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade”.

(Lima Barreto)

RESUMO

A presente pesquisa tem a função de analisar, através da literatura comparada, o papel da intertextualidade nas obras “Dom Casmurro” do romancista brasileiro Machado de Assis e “Otelo” do dramaturgo inglês William Shakespeare, uma vez que as obras foram construídas em moldes semelhantes, mas com autores distintos. A pesquisa analisa a relevância da intertextualidade no mundo da literatura, apresentando obras de gêneros diferentes, tais como a Tragédia e o Romance, que possuem características parecidas, procurando mostrar o impacto que elas provocam no leitor, ao lhe proporcionarem conhecimento e senso crítico. Compara as relações de proximidades e distanciamentos entre ambas e ainda destaca as semelhanças e diferenças existentes entre os enredos e personagens das obras supracitadas. Analisa as personalidades ciumentas dos protagonistas e a mudança sofrida ao longo do enredo, por conta deste sentimento. Do mesmo modo, baseando-se no diálogo constante entre os clássicos “Dom casmurro” de Machado de Assis e “Otelo” de William Shakespeare, busca mostrar a biografia desses escritores, esclarecendo o reflexo que ela produzirá em suas obras e a repercussão destes ricos clássicos. Faz um breve estudo do contexto histórico do Realismo brasileiro e tem como foco o diálogo intertextual que contribuiu para a imortalidade de seus escritores.

Palavras-chave: Literatura comparada. Dom Casmurro. Intertextualidade. Otelo.

ABSTRACT

The present research has the function of analyzing, through comparative literature, the role of intertextuality in the works "Dom Casmurro" by the Brazilian novelist Machado de Assis and "Othello" by the English playwright William Shakespeare, since the works were built in similar molds, but with different authors. The research analyzes the relevance of intertextuality in the world of literature, presenting works of different genres, such as Tragedy and Romance, which have similar characteristics, trying to show the impact they bring to the reader, by providing them with knowledge and critical sense. It compares the relations of proximity and distance between the two and also highlights the similarities and differences between the plots and characters of the works mentioned above. It analyzes the jealous personalities of the protagonists and the change suffered throughout the plot, because of this feeling. Likewise, based on the constant dialogue between the classic "Dom Casmurro" by Machado de Assis and "Othello" by William Shakespeare, he tries to show the biography of these writers, clarifying the reflection that will produce in his works and the repercussion of these rich classics. It makes a brief study of the historical context of Brazilian Realism and focuses on the intertextual dialogue that contributed to the immortality of its writers.

Keywords: Comparative literature. Dom Casmurro. Intertextuality. Othello.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 09 |
| 2 HISTÓRICO DA LITERATURA REALISTA BRASILEIRA | 11 |
| 2.1 Característica do Realismo | 11 |
| 3 MACHADO DE ASSIS: O MESTRE REALISTA | 14 |
| 3.1 “Dom Casmurro” | 14 |
| 3.1.1 Enredo | 15 |
| 3.1.2 Análise do Enredo | 16 |
| 3.1.3 Análise dos personagens-chave | 17 |
| 3.1.3.1 Bentinho | 17 |
| 3.1.3.2 Capitu | 18 |
| 3.1.3.3. Escobar | 18 |
| 3.1.3.4 Dona Glória, prima Justina, Tio Cosme e José Dias | 19 |
| 4 WILLIAM SHAKESPEARE: A IMORTALIDADE DA TRAGÉDIA | 21 |
| 4.1 “Otelo” | 21 |
| 4.1.1 Enredo | 22 |
| 4.1.2 Análise do Enredo | 23 |
| 4.1.3 Análise das personagens-chave | 25 |
| 4.1.3.1 Otelo | 25 |
| 4.1.3.2 Desdêmona | 26 |
| 4.1.3.3 Iago | 27 |
| 4.1.3.4 Emília | 28 |
| 4.1.3.5 Brabâncio | 28 |
| 4.1.3.6 Miguel Cássio e Rodrigo | 29 |
| 5 ENCONTROS E DISTANCIAMENTOS DAS OBRAS PELO VIÉS DA INTERTEXTUALIDADE | 30 |
| 5.1 A Intertextualidade exposta nos capítulos 62, 72 e 135 | 30 |
| 5.2 As semelhanças e diferenças entre os enredos e personagens | 32 |
| 5.3 A tragédia e o romance em caminhos similares | 37 |
| 5.4 A relevância da intertextualidade na literatura | 38 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| REFERÊNCIAS | 43 |

1 INTRODUÇÃO

Quando se analisa a contribuição machadiana para a literatura brasileira, é notório que a obra “Dom Casmurro” constitui-se como um dos romances mais estruturados de Machado de Assis, sendo construída na última fase de uma trilogia realista marcante (juntamente com “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borda”). Tais obras, carregadas de críticas e ironias à sociedade contemporânea ao autor, retratam a realidade da maneira mais fielmente possível. Pautando-se nesta abordagem, esta monografia, cujo tema é: “Do Classicismo de Shakespeare à Trilogia Realista de Machado: uma análise comparativa sobre a intertextualidade da obra ‘Dom Casmurro’ com ‘Otelo’”, buscará através da literatura comparada, a função e o papel da intertextualidade nas obras mencionadas, uma vez que ambas foram construídas com um escopo essencialmente semelhante, mas com autores, ambientação e épocas distintos.

Levando-se em consideração a influência e importância que esses clássicos exercem na literatura mundial, foram feitos os questionamentos que servirão de linha direcional desta pesquisa monográfica, tais como: As duas leituras trazem acontecimentos comuns da vida das pessoas? As personagens de ambas as obras possuem características semelhantes? Machado e Shakespeare utilizam narrativa em primeira pessoa? O desfecho de uma obra está verossimilhantermente representado na outra?

Por ser uma temática diferenciada, ao passo que trata da obra “Dom Casmurro” (da qual a essência das pesquisas afins é, geralmente, o tema da possível traição de Capitu, brecha em que Machado de Assis constrói sugestões e deixa para os leitores os questionamentos e as possibilidades de suas próprias considerações), sob a análise crítico-comparativa, abordando a intertextualidade com a obra “Otelo”, do classicista Shakespeare, ou seja, baseando-se na relação de um texto presente em outro, com a proposição inicial de mostrar as semelhanças e os distanciamentos entre as duas obras.

De certo modo, a comparação entre tais enredos, partindo-se da leitura dos capítulos do livro de Machado, permitirá conhecer como se dão as ações de cada personagem e quando estas estão relacionadas ou não. Certamente, tendo-se como base que “Otelo” e “Dom Casmurro” tratarão de assuntos comuns entre os dois enredos tais como: o amor, o ciúme e a traição, sentimentos que serão capazes de

transformar o homem, o modo como vê a vida e suas atitudes em relação ao outro ser, será possível inferir que as mudanças nascem, se ampliam e concretizam a partir do surgimento destes mesmos sentimentos.

Nesta perspectiva, pode-se mencionar que a inveja, por exemplo, é fortemente marcada nas duas narrativas e será um dos piores sentimentos, tanto para quem inveja, quanto para quem é invejado, de acordo com a análise realizada nesta construção monográfica. Na verdade, quem cultiva o sentimento tenderá a sofrer e se desgastar mais e, é justamente por isso, que os personagens dessas obras se envolvem em tramas dramáticas, pois o sentimento é vivido de tal maneira, para provocar reflexões sobre as ações humanas no mundo externo, real, uma vez que as pessoas costumam discutir, antes de pararem para pensar no que teria acontecido se seguissem outras escolhas. Assim, o ciúme também age sobre as personagens da história, modificando os seus comportamentos e fazendo com que a paisagem serena e calma do enredo, passe a ser substituída por uma grande tempestade, abrindo portas para a desconfiança e as intrigas, modificando as relações (antes amorosas e agora constituídas de brigas e incômodos).

A estrutura desta monografia está dividida em: introdução, desenvolvimento e considerações finais. Os capítulos intitulados para a construção deste trabalho de conclusão de curso foram: No primeiro capítulo – Breve histórico da Literatura Realista brasileira; Machado de Assis o Mestre realista; William Shakespeare: a imortalidade da tragédia e; Os encontros e os distanciamentos das obras pelo viés da intertextualidade, no qual se desenvolverá uma busca por toda a trajetória que o Brasil viveu durante o século XIX, além de suas transformações durante a passagem do segundo reinado para a república e as características que constituem o Realismo.

O segundo capítulo buscará a vida de Machado de Assis, a repercussão da obra “Dom Casmurro”, a análise do enredo e das personagens-chave.

O terceiro capítulo enfatizará a importância do escritor William Shakespeare e de suas tragédias, especialmente a obra “Otelo”, com as análises das personagens-chave e do enredo.

E, o quarto e último capítulo, esclarecerá (através da intertextualidade) a aproximação, o paralelismo das obras supracitadas, contribuindo assim para o crescimento e senso críticos dos leitores que, conhecendo esses clássicos, sentirão o impacto e a relevância que estes exercem na literatura mundial.

2 HISTÓRICO DA LITERATURA REALISTA BRASILEIRA

O século XIX trouxe grandes transformações sociais, políticas, culturais e econômicas no mundo inteiro. A Revolução Industrial, por exemplo, trouxe uma nova era: da eletricidade, do petróleo e do aço, contribuindo para o avanço das cidades e indústrias e, conseqüentemente, a criação de “sindicatos” por operários que viviam em condições terríveis. Impulsionando as ciências Biológicas, Filosóficas e Sociais. Todas essas transformações trouxeram para o Brasil, por conseguinte, mais especificamente no ano de 1870, as ideias estéticas, científicas e filosóficas do Realismo europeu (Positivismo, Darwinismo, Cientificismo, etc.).

Também o ideal republicano começou a se desenvolver e o segundo Império encontrava-se em decadência. Este período (1881) é conhecido como marco inicial do momento Realista no país. É quando surge “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis e o “Mulato”, de Aluísio Azevedo, este último sendo o primeiro romance naturalista. Estas obras foram fundamentais para o crescimento literário no país.

Contudo, vale mencionar que a publicação das obras “Dom Casmurro” (1900), “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908), todas de autoria de Machado, contribuíram com a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual os percussores eram, na maioria, escritores da corrente realista. É, portanto, neste contexto que uma nova corrente literária nasce, enfatizando ao mundo físico e material, abandonando no passado o mundo de idealização romântica e apresentando ao mundo um ser concreto e real.

2.1 Características do Realismo

O Realismo tem como principal característica a objetividade, dando fim ao sentimentalismo exagerado e imensa idealização da mulher como ser doce, angelical e inalcançável, extinto de pecado, como era comum na vertente artística romântica.

Para aguçar o prazer pela leitura de seus romances, os escritores desta nova vertente oferecem uma narrativa atrativa, descrevendo de forma minuciosa cada detalhe, cada gesto, os detalhes sobre os personagens e os ambientes, além de elaborações frasais e perfeita escolha de vocábulos, reportando-se ao perfil mais

significativo da realidade. O aspecto que distancia o Realismo das demais escolas literárias é, dessa maneira, a utilização de um discurso objetivo, direto, alinhado à construção de personagens muito próximas à realidade, com sentimentos que abrangem tudo o que há de belo e terrível no ser.

Além disso, os escritores realistas se utilizam da linguagem culta e direta, com o objetivo de envolver o leitor, demonstrando em seus romances o mais perfeito retrato da sociedade, apresentando uma mulher não idealizada, com defeitos e qualidades e enfatizando sentimentos, tais como: o amor e o ciúme, que fazem parte do homem, além de outros sentimentos subordinados aos interesses sociais.

De maneira igualmente surpreendente, estes autores colocam o casamento como instituição falida, movido por traições e contratos de conveniências e interesses sociais. Vale mencionar a obra “Madame Bovary”, do escritor Gustavo Flaubert, na qual Ema Bovary, ao se casar, percebe que a vida cotidiana de mulher casada não é igual àquelas encontradas nas leituras de seus romances e então, inconformada com a rotina, começa a se relacionar com outros homens, dando início à traição. Esta obra vem demarcar o início da corrente realista no mundo.

O Realismo apresenta uma narrativa lenta para assim acompanhar o tempo e os personagens que são trabalhados psicologicamente. O personagem-chave é geralmente um herói problemático cheio de dúvidas, fraquezas e incertezas, como é o caso do protagonista de “Dom Casmurro”. Na obra, o personagem Bentinho vive de incertezas e, para acabar com elas, tira conclusões precipitadas a respeito das pessoas que pertencem ao seu vínculo social.

De certo modo, os escritores realistas também buscavam outro olhar para a literatura, para que esta se dedicasse não somente ao retrato da classe burguesa, mas das demais classes existentes, envolvendo assim outras visões da alma humana e de forma mais aprofundada. Esta literatura estaria disposta a observar a sociedade e retratá-la da maneira que ela (sociedade) é, descrevendo o comportamento daqueles indivíduos (a roupa utilizada, por exemplo) e a perfeita descrição do lugar, apresentando as suas características e descrevendo as paisagens em que os personagens se encontram.

Reportando-se sobre esta questão, vale mencionar as palavras da autora Campedelli (1995), a respeito da escola Realista:

O romance passa a ser um veículo que registra a realidade tal como ela é- externa e interna- porque vida interior também faz parte dessa realidade. Indecisões, oportunismo disfarçados, falsas devoções, moral de fachada são temas que passam a integrar o universo romanesco. O escritor realista desnuda as virtudes fraudulentas, os interesses escusos, a caridade ostensiva, tudo, enfim, que constitui o avesso da vida socialmente digna e considerada respeitável. (CAMPEDELLI, 1995, p. 20).

A autora vem afirmar o aspecto supracitado sobre a função da literatura realista, que é desvendar, desconstruir uma sociedade mostrada “sem defeitos” e apresentar que na vida existem pessoas oportunistas, de caráter duvidoso, onde o ser humano é capaz de tudo, movido pelas circunstâncias em que ele está.

3 MACHADO DE ASSIS: O MESTRE REALISTA

O autor Joaquim Maria Machado de Assis, nasceu no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, em uma casa simples na Rua Nova Livramento, no dia 21 de Junho ano de 1839. O pai era mulato de origem humilde. Machado ficou órfão de mãe ainda pequeno, seu pai casou-se novamente com Maria Inês, que assume a proteção de Machado após a morte precoce do pai. O escritor ajudava sua madrasta na renda familiar vendendo doces no Morro do Livramento. Era um jovem de muitos talentos, publicou seu primeiro poema intitulado “Ela” aos 16 anos. Tornou-se revisor e livreiro na tipografia aos 18 anos, impulsionando-se cada vez mais para o mundo literário. Casou-se com a portuguesa Carolina Xavier, apesar da oposição da família, que era contra a filha se relacionar com um mulato de linhagem pobre. O casamento permanece até 1904 com a morte de Carolina.

No ano de 1891, Machado de Assis, inaugurou uma nova fase da literatura brasileira. Com a publicação de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), dando início à corrente Realista no país. Ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual foi presidente, escrevendo inúmeras obras abrangentes de vários gêneros (contos, poesias, crônicas, teatro e romance), dos quais se destacam os contos e os romances. Por sua vez, os romances estão representados por duas fases na vida do escritor: a primeira ainda com características românticas: “Ressurreição” (1870), “A mão e a luva” (1874), “Helena” (1876) e “Iaiá Garcia” (1878) e; a segunda fase denominada realista, constituindo-se das obras: “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881) “Quincas Borba” (1891), “Dom Casmurro” (1899), “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908). Todas as construções sempre enfatizadas com uma dose de ironia e inquietações, retratando os aspectos mais profundos do ser humano e analisando a características de cada personagem ao retratar a sordidez da sociedade, com clareza e objetividade, dialogando diretamente com o leitor.

3.1 “Dom Casmurro”

A obra “Dom Casmurro” é um dos clássicos mais bem elaborados do escritor brasileiro Machado de Assis. Com uma perfeita narrativa, a obra é um convite ao leitor refletir e, ao mesmo tempo, a tornar-se um amigo, pois conversa diretamente

com quem está lendo. Dessa forma, o autor aproxima leitor de sua criação, convidando-o a participar da trama e a tirar conclusões da história a partir dos relatos do narrador-personagem.

Pode-se dizer que a história ganhou espaço no teatro, no cinema, na música e televisão, o que só contribui para o crescimento desta produção para o *ranking* dos livros mais lidos do Brasil, ultrapassando gerações e ficando conhecido mundialmente por meio das traduções em diversas línguas.

Neste sentido, esta obra proporciona ao leitor múltiplas interpretações através dos caminhos que o enredo o leva, as dúvidas e inquietações levantadas pelo autor para prendê-lo (o leitor) em seu romance. Outro ponto que garante destaque e originalidade no romance é o diálogo intertextual com “Otelo” de William Shakespeare. A escritora Helen Caldwell atribui a Machado de Assis o termo “Shakespeare sob o cruzeiro do sul”, ao analisar “Dom Casmurro” e constatar que o personagem Bentinho possui características de Iago e Otelo.

Dessa forma “Dom Casmurro” com todo o seu arcabouço em questão de estrutura, diálogo e perfeita narrativa convidativa, faz com que os leitores se envolvam e se deleitem a cada capítulo, conquistando-os com o seu vocabulário extraordinário e o seu desfecho incrivelmente surpreendente.

3.1.1 Enredo

“Dom Casmurro” é dividido em 148 capítulos, no qual um homem já sexagenário apelidado de Dom Casmurro, decide contar sua história, perpassando a feliz infância, a juventude e a fase adulta. Ele relata que, mesmo antes de nascer, fora prometido por sua mãe (D. Glória) ao seminário. Contudo, o menino Bentinho (como era chamado) se apaixona por sua vizinha Capitu e tenta, com a ajuda de José Dias (um agregado da família), convencer sua mãe que a carreira de seminário é muito bonita, no entanto, não é a sua vocação. Não obstante, decide passar um período no seminário, onde conhece um jovem chamado Escobar - um jovem bem educado e estudioso - do qual se torna grande amigo e compartilha o pensamento de que aquela não é a vocação certa para ambos. Assim, decidem sair do seminário.

Com o passar do tempo, Bentinho casa-se com Capitu, seu grande amor e Escobar com Sancha, amiga de Capitu. Tudo vai bem, até o nascimento de

Ezequiel, filho de Bentinho e Capitu. À medida que o tempo passava, o menino ficava cada vez mais semelhante a Escobar. Logo depois, acontece uma tragédia e Escobar, seu melhor amigo, morre afogado. No enterro, Bentinho, agora chamado de Doutor Bento Santiago, passa a observar as pessoas que estavam naquela cerimônia, mas precisamente Capitu, de quem observa gestos e lágrimas. Além do mais, não lhe sai da mente a semelhança de seu filho com o defunto. Isto acaba então se concretizando na mente do protagonista como a “traição” de sua esposa com o seu melhor amigo, decidindo assim pela separação.

Capitu falece na Suíça bem longe de seu ex-marido; Ezequiel ainda volta para rever o pai, mas vai embora e acaba falecendo e “Dom Casmurro” termina sozinho.

3.1.2 Análise do enredo

Ao longo da narrativa Machado de Assis, apresenta indícios da traição de Capitu e, ao mesmo tempo, se coloca a favor da fidelidade da moça, o que provoca divergência de opiniões, pelo fato de haver ou não traição. Neste quesito, a obra é um enigma criado especialmente para prender o leitor. Ao longo do tempo, muitos escritores têm discutido a respeito desta obra e da possível traição de Capitu. José Veríssimo (1981), por exemplo, vem discorrer contra a personagem, atribuindo insultos e declarando-a dissimulada e mentirosa, além de destacar Bentinho como um inocente que “se deixa iludir pela moça”, como se lê:

[...] um homem inteligente, sem dúvida, mas simples, que desde rapazinho se deixa iludir pela moça que ainda menina amara, que o enfeitiçara com sua faceirice calculada, com sua profunda ciência congênita de dissimulação, a que ele se dera com todo ardor compatível com seu temperamento pacato. Ela o enganara com seu melhor amigo, também um velho amigo de infância, também um dissimulado, sem que ele jamais o percebesse ou desconfiasse. Somente o veio a descobrir quando lhe morre num desastre o amigo querido e deplorado. (VERÍSSIMO, 1981, p. 286)

Tomando este mesmo caminho, o autor Astrogildo Pereira (1959), comenta sobre a personalidade de Capitu, ao afirmar que: “Soma e fusão de múltiplas personalidades, espécie de supermulher toda ela só instinto medida na pele de uma pervertida requintada e imprevisível”. Ao analisar a personagem Capitu, Astrogildo, faz acusações levianas a respeito da jovem, no momento em que caracteriza a sua personalidade como sendo “múltipla”. Assim, insultos como “pervertida”, “requintada”

e “imprevisível”, apresentam Capitu como uma mulher não confiável e de caráter duvidoso.

No entanto, somente a partir do ano de 1960 é que surgem opiniões contrárias às supracitadas, como é o caso de Helen Caldwell (2008), uma professora e crítica norte-americana que propõe um novo estudo mais aprofundado a respeito do romance com a indicação de que:

Não Capitu, mas Bentinho (pelo honesto “Santiago” que era) têm convencido muitos leitores, senão a maioria, acerca da infidelidade de Capitu; mas não serão essas evidências tão verdadeiras quanto a calúnia de Iago? (CALDWELL, 2008, p.101).

Esta escritora foi de fundamental importância para que os leitores passassem a enxergar a obra com um novo olhar, assim como a maioria dos críticos literários que caminhassem pela vertente anteriormente citada, abrindo caminhos para discussões diversas, igualmente ricas.

Gomes (1967) a respeito da obra “Dom Casmurro” destaca:

Que Bentinho recorresse á metáfora das éguas iberas para caracterizar a sua própria imaginação, eis um procedimento deveras curioso e mesmo excêntrico. (...) E Bentinho não se limita aquele desbragado comparativo; já no capítulo XXIX ele adverte após ter ultrapassado delirantemente as fronteiras da realidade terra-a-terra, que a imaginação de Arioto não é mais fértil que as crianças e dos namorados. (GOMES, 1967, apud. Ana Cláudia da Silva, p.13).

O autor afirma que o próprio Bentinho constata a sua inquietude e amplia a imaginação e que até mesmo delira, ultrapassando “as fronteiras da realidade” por meio do imenso ciúme que o corroía por dentro e o fazia agir de modo radical.

3.1.3 Análise das personagens-chave

3.1.3.1 Bentinho

O jovem de nome Bento de Albuquerque Santiago constitui-se de três fases ao longo do enredo. Primeiro ele é Bentinho, um menino que adorava brincar de missa com sua amiga Capitu, afluindo, logo depois, o amor por ela. Nunca pretendia ser padre, como enfatizava sua mãe, pretendia mesmo era casar-se com a jovem e bela por quem estava apaixonado. Segundo, ele é Dr. Bento Fernandes

Santiago, um advogado bem sucedido casado com Dona Capitu, sendo extremamente ciumento, chegando a ter ciúmes até do mar. Despreza o seu único filho, pela semelhança com o amigo morto, ao tirar conclusões precipitadas de traição, apenas pelo olhar de sua esposa e; Terceiro, ele é o próprio “Dom Casmurro”, chamado assim por vizinhos, por ser um homem amargurado, fechado em si mesmo, que nunca esqueceu seu único amor. Nessa fase é tomado pela iniciativa de criar um livro, para buscar a essência de sua história e ao mesmo tempo resgatar o que um dia ele foi.

3.1.3.2 Capitu

A personagem criada por Machado de Assis é diferente de muitas heroínas românticas, frágeis e confusas. Capitu é então uma jovem de 14 anos, inteligente, sagaz, conquistadora e curiosa, que mesmo passando por situações difíceis, logo encontrava a solução, uma alternativa apropriada. Em sua adolescência era uma moça bonita, alta e forte. É caracterizada por usar um vestido de chita bem junto ao corpo, além de duas tranças em seus grossos cabelos. Era morena, queixo grande e olhos também grandes e claros. O que mais chama a atenção nos leitores sobre Capitu (e lhe garante sucesso até hoje) é a descrição de seus olhos, como se lê:

Para José Dias, eles eram de “cigana oblíqua e dissimulada” já Bentinho, os classificava como “olhos de ressaca” segundo ele os olhos de Capitu: “Traziam não sei que fluído misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca” (ASSIS, 2009, p. 68).

Sendo a personagem ainda atualmente motivo de discussão por críticos.

3.1.3.3 Escobar

Este personagem é o melhor amigo de Bentinho. Conhecem-se no seminário e se tornam amigos para toda a vida. Era mais velho que Bentinho, caracterizado como jovem forte, de olhos claros, aspectos fugitivos como afirma Bentinho:

Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. Quem nem estivesse acostumado com ele podia acaso sentir-se mal, não sabendo por onde lhe pegasse. (Ibid., p.108).

As qualidades mais admiráveis deste personagem dentro da trama são a boa memória e a sua habilidade para fazer contas.

Ao sair do seminário, Escobar casa-se com Sancha (melhor amiga de Capitu) e tem uma filha cujo nome é Capitu, para referenciar a amiga, unindo-se cada vez ao casal de amigos, sendo até vizinhos e estabelecendo assim uma forte amizade. No entanto Escobar morre afogado.

3.1.3.4 Dona Glória, Prima Justina, Tio Cosme e José Dias

A personagem, mãe de Bentinho, era uma mulher de quarenta e dois anos, de aparência jovial e bonita. Seus cabelos andavam sempre arrumados em bandos. Sendo viúva, sua vestimenta constituía-se de um vestido escuro e um xale preto.

Dona Glória é conhecida por ser uma devota apegada às tradições religiosas, aspecto visível por fazer promessa a Deus, como a que seu filho seguiria a carreira eclesiástica, se ele (Deus) lhe concebesse a vida. Amava muito o seu Bentinho e a ideia de tê-lo longe a machucava, mas ela sabia que era preciso, pois a promessa feita não deveria ser quebrada. Com o falecimento do marido, ela era quem comandava as finanças da casa, ditava as regras, os serviços dos membros que trabalham para sua família.

Prima Justina era assim como D. Glória: viúva, mas sua descrição se encaixa na de uma figura pálida, magra e de olhos que expressava curiosidade, além de lábios finos. Vivia com a família a pedido de Dona Glória, já que lhe era conveniente ter outra figura feminina para conversar e etc. Era uma mulher muito obediente e concordava com todas as decisões da mãe de Bentinho. Não tinha hábitos de “se meter onde não era chamada”, opinando nos assuntos da casa somente quando era consultada.

O personagem Tio Cosme é também viúvo e irmão de D. Glória. Tinha a aparência cansativa; respirava com certa dificuldade, era pesado (gordo) e seus olhos eram “dorminhocos”. De acordo como o narrador, ele era: “Formado para as serenas funções do capitalismo, pois Tio Cosme não enriquecia no foro: ia comendo. Tinha o escritório na antiga Rua das Violas, perto do júri... trabalhava no crime.” (Ibid., p. 22). E, assim como a prima Justina, era obediente às decisões da irmã, apoiando-a em todos os aspectos.

Por outro lado, José Dias é apresentado como um homem magro, com idade de cinquenta e cinco anos, que “amava os superlativos”, usava calças brancas, colete e gravata com um arco de aço por dentro e tinha um andar preguiçoso e uma risada comunicativa, como afirma o narrador: “ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele.” (Ibid., p. 19).

José Dias é retratado na obra como um médico, portanto, por ter curado um empregado da família, o pai de Bentinho propõe que ele fique na casa da família como agregado. De início José Dias rejeita a proposta, no entanto, volta semanas depois e a aceita. Com o passar dos dias, o pai de Bentinho falece e José Dias revela que não era médico e que iria embora, então, a viúva intervém para que ele fique, e este aceita.

O personagem apresenta contradições ao longo da narrativa, pois primeiro diz que é médico e depois nega esta afirmação, ora apoia sob todas as formas a ida de Bentinho para o seminário, ora aceita dialogar com D. Glória, intercedendo pelo garoto. Isto se configura como um complexo da obra de Machado de Assis, por meio de “essências e aparências”.

4 WILLIAM SHAKESPEARE: A IMORTALIDADE DA TRAGÉDIA

William Shakespeare nasceu em 23 de abril de 1564, em Stratford-Avon, na Inglaterra e faleceu em 23 de Abril de 1616. Sua vida foi confortável até os 12 anos de idade, porém, com a morte do pai, é levado às circunstâncias da vida, deixando os estudos pelo trabalho duro para ajudar a família. Faz-se necessário enfatizar que, mesmo com toda essa dor, Shakespeare guardou seu conhecimento adquirido durante a vida escolar e passou a se dedicar aos estudos dos grandes clássicos. Casou-se aos 18 anos com Anna Hathaway, de 28 anos. Deste casamento nasceram três filhos: Suzanna, Judith e Hamnet. A tragédia sempre fez parte de sua vida, Hamnet, seu filho, faleceu aos 11 anos de idade.

Sabe-se que aos 23 anos, decide seguir sozinho para Londres. Este novo lugar trouxe-lhe uma chuva de empregos, dos quais se destacam o de guardador de cavalos em um teatro, pois lhe permite atuar em alguns papéis e, neste mesmo período, já passa a escrever algumas peças. Com o passar do tempo, se tornou sócio do lugar e, em sequência, dono do teatro. Assim o mundo conhecia o classicista William Shakespeare, assegurando-lhe a imortalidade através de sua tragédia.

De suas tragédias mais famosas, inserem-se: “Otelo”. “Romeu e Julieta”, “Rei Lear”, “MacBeth”, “Ricardo III” e “Henrique V”. Além da tragédia, Shakespeare escreve comédias, dentre elas: “A megera domada”, “Sonhos de uma noite de verão” e “O mercador de Veneza”.

4.1 “Otelo”

A obra “Otelo” foi escrita entre 1601 e 1604, sendo conhecida como uma das maiores tragédias do escritor inglês. Trata-se de uma peça envolvente que a cada ato surpreende e arranca emoções do público.

Sabe-se que a coluna utilizada por Shakespeare, que lhe garantiu inspiração para produzir “Otelo”, foi uma novela Italiana por Giovanni Batista Giraldi. Trata-se de uma novela cujo nome é “Capitão Mouro” (em Italiano “*Capitano Moro*”) construída nos ideais da contrarreforma, o objetivo da novela era alertar as moças que aceitavam casar-se com estrangeiros.

Vale inferir que tanto a novela quanto a peça possuem tais características: o casamento do Mouro com Desdêmona, as mentiras e calúnias de um vilão alferes (Iago), o ciúme as suspeitas de adultério implantadas por ele (Iago), que leva ao assassinato de Desdêmona por seu marido Otelo. Somente o desfecho é de outra forma, (a novela) ao assassinar sua amada Otelo não tira sua vida, ele é preso agredido e morto pela família de sua esposa.

4.1.1 Enredo

“Otelo” é uma tragédia do gênero dramático em forma de diálogo e monólogo emotivo, apresentada em cinco atos envolvendo o grande e terrível ciúme e doses de falsas virtudes.

Nela, Otelo (protagonista que dá nome à obra) é um grande oficial da república de Veneza casado com Desdêmona, uma linda jovem. Eis que surge Iago, alferes de Otelo, que tenta arruinar, por meio das ideias mais absurdas, a vida do general. A razão do ódio de Iago é explicada por ele não ter sido escolhido para ocupar o cargo de tenente e sim Cássio, outro oficial.

Basicamente, Iago chega à casa de Brabâncio (pai de Desdêmona) informando que sua filha teria sido raptada pelo Mouro (Otelo), sob os efeitos de feitiçaria. Brabâncio então acusa Otelo, dizendo que sua filha foi “enfeitiçada”, e vai salvá-la com a certeza de assassinar Otelo. Porém, quando estes se encontram são imediatamente convocados a uma reunião com o Duque de Veneza.

Chegando a reunião Otelo recebe todas as ofensas possíveis dirigidas por Brabâncio, acusando-o de atos hereges, razão pela qual teria conseguido seduzir sua filha. A acusação é logo descartada, quando o acusado usa a palavra em sua defesa, por ser um grande oficial da república de Veneza, sendo respeitado por todos e dizendo que a única verdade é o amor que ambos sentiam (Desdêmona confirma). Otelo é inocentado, Brabâncio morre logo após a união de sua filha com o general.

Tudo está sendo resolvido, menos a fixação de Iago por vingança contra o Mouro. Assim, Iago começa a esquematizar um plano para destituir Cássio de seu posto, envolvendo Rodrigo (uma espécie de fantoche) para realizar uma parte de seus planos perversos. Dessa maneira, o terrível Iago planeja uma briga, na qual, Rodrigo luta com Cássio (embriagado por Iago). Otelo sabendo da confusão de

Cássio (homem responsável pela ordem e pela paz) por seu estado lamentável e pelo tumulto o retira de seu posto, mas não coloca Iago em seu lugar. Mais uma vez o grande vilão (Iago) aconselha que o mais certo a fazer seja Cássio pedir à Desdêmona que interceda por ele, pedindo ao seu marido (Otelo), que sua decisão fosse repensada.

No momento em que Cássio começa a se encontrar com Desdêmona, para falar com seu esposo sobre outra decisão, Iago novamente entra em ação: leva Otelo a observar a cena e insinua (plantando o ciúme), que não gosta daquela conversa e que (com outras palavras) sua amada o estaria traindo com Cássio. Otelo logo passa a duvidar do caráter de sua mulher.

Ademais, a certeza sobre a “traição” ocorre quando um lenço de Desdêmona (dado a ela pelo próprio marido) é encontrado no quarto de Cássio (implantado por Iago). Vale ressaltar que este foi o ponto chave para Otelo (com a ajuda de seu “amigo e fiel” Iago) planejar a morte de Desdêmona, que é estrangulada em sua própria cama (Ideia sugerida por Iago).

No entanto, sabendo da morte de sua senhora, Emília revela que o culpado de tudo é seu marido (Iago) e, que Desdêmona, é inocente de todas as acusações. Num ato brutal, Iago mata Emília e foge, mas é capturado. Otelo, desnortado ao saber que assassinou um ser inocente, tira sua própria vida se debruçando sob o corpo da amada e dando-lhe os últimos afagos (beijos).

Assim, a história se finda, o tenente Cássio passa a ocupar o posto de Otelo e Iago é entregue às autoridades.

4.1.2 Análise do enredo

A tragédia “Otelo” ganha espaço na literatura mundial por referenciar sentimentos que estão presentes em um ser de maneira surpreendente, sendo o ciúme o mais enfatizado deles e o responsável pela ação do protagonista (Otelo).

Respeitado por suas proezas realizadas em batalhas heroicas, se mostra inseguro no início da peça diante do vocabulário preconceituoso de Brabâncio, afirmando que a filha deveria ter medo até de olhá-lo.

Este aspecto torna-se perceptível em passagens como esta:

BRABÂNCIO - [...] Ela, uma moça tão linda, terna e feliz, tão avessa a união a ponto de rejeitar os jovens mais ricos e airosos do país... Quando é que ela, atraindo a chacota geral trocaria o seu tutor pelo peito escuro de uma coisa como tu, de algo que dá medo? Que o mundo me julgue se não for claro e óbvio que tu a aturdiste com tuas magias sujas, [...]. (SHAKESPEARE, 2017, p. 145)

Reportando-se para essa questão, tem-se Rodrigo e Iago, personagens que se utilizam de um discurso racista para se referir a Otelo, declarando: “- Que grande fortuna deve ter o beijado pra levar as coisas assim.” (Ibid., p. 137).

Iago também se utiliza deste mesmo discurso e compara Otelo a um “carneiro preto”, como se pode constatar a seguir: “IAGO - Cristo! O senhor foi roubado, vista o casaco! O senhor foi golpeado na alma, no peito. Agora, nesse instante, um carneiro preto velho está cobrindo a sua ovelha branca.” (Ibid, p. 138). E ainda acrescenta mais insultos em sua fala, declarando que Otelo seria um “cavalo da Barbária”, como se lê:

IAGO - [...] agora, só porque viemos lhe prestar um favor, já acha que somos baderneiros e deixa a própria filha ser montada por um cavalo da Barbária; não demora, o senhor vai ter sobrinhos relinchando para o senhor, corcéis por primos e petiços por parentes. (Ibid., p. 138)

Contudo, apesar do discurso embebido em insultos, nota-se que a grande temática da peça é o ciúme, que é aguçado por Iago na mente de Otelo. Sendo ele (Otelo) um homem forte com espírito de liderança, tendo apenas no ciúme sua fraqueza, da qual Iago soube utilizar para destruí-lo, fazendo dele um ser rude agressivo e, surpreendentemente, um assassino.

De tal modo, para realizar o seu desejo por vingança, Iago traz consigo um discurso eloquente, sendo um homem maquiavélico, utiliza-se de excelente oratória para manipular os demais personagens, utilizando palavras precisas para colocá-los em cenários elaborados por ele, de forma que ninguém perceba. Como se observa na citação a seguir:

IAGO - E quem dirá que o meu papel é o de vilão, se o conselho que dou é isento e gratuito, muito razoável e até o melhor caminho para reconquistar o Mouro? Pois é fácil atrair a boa e solícita Desdêmona pra uma causa justa. [...] E então sou um vilão, quando aconselho Cássio a seguir outra rota que o leva reto ao seu bem? Deidades do inferno! O diabo, quando quer vestir negros pecados, começa

encenando uma peça angelical, como eu faço agora. (Ibid., 2017, p.184).

Percebe-se que Shakespeare planejou e criou um vilão, dotado de atitudes inteligentes, das quais as ações ocorriam de acordo com que ele almejava, ou seja, sendo fruto dos seus “bons conselhos”, que eram sempre aceitos por suas vítimas o que as levava para um caminho nebuloso e trágico.

Sobre a relação amorosa de Otelo e Desdêmona, a escritora Lawrence Flores Pereira (2017) na introdução do livro “Otelo” declara que:

O nó trágico da peça é essa desmedida mútua de Otelo e Desdêmona: ambos acreditam, com uma segurança que surpreende, na dignidade um do outro. Deram, sem saber, um salto sobre o vazio, confiantes em que, tão somente com a força do amor, suas vulnerabilidades haveriam de ser sanadas. Mas esse sentimento grandioso em que a vulnerabilidade se refugia na confiança amorosa será o tendão de Aquiles do casal. (PEREIRA, in SHAKESPEARE, 2017, p.20).

Ou seja, a autora aponta que Desdêmona e Otelo viam como suficiente a confiança no amor de um pelo o outro para acabar com os problemas, o que favoreceu Iago, ao passo que passou a buscar na confiança adquirida de ambos o ponto chave para implantar a discórdia e as suspeitas, e chegar ao seu grande objetivo; a destruição de Otelo.

4.1.3 Análise das personagens-chave

4.1.3.1 Otelo

É um personagem que tem o cargo de General e nobre a serviço da república de Veneza. No início da peça, quando este é acusado de roubar Desdêmona (com quem se casou), defende utilizando-se de uma boa oratória, iniciada por um pedido de desculpas pela sua “fala rústica”, enfatizando sua importante função para Veneza, ao passo que isto já é suficiente para o ganho da causa.

De igual maneira, em sua defesa, Otelo conta que era convidado com frequência para a casa de Brabâncio, sendo sempre bem recebido. Ali então contava histórias sobre as batalhas e as aventuras que passou e ainda acrescentava que, não somente Brabâncio gostava de seus feitos heroicos, mas Desdêmona, que

a cada história suspirava, ou melhor, se apaixonava. Otelo conta que a jovem se apaixonou pelos perigos que ele correu e ele pelo penar que a jovem demonstrava.

Caracterizado assim como um homem forte, negro e bem mais velho que sua esposa, isso fazia com que se sentisse “frágil” em relação a ela, pois (sendo negro) via na cor da pele um obstáculo, especialmente por que sua esposa era branca e mais jovem. A obra deixa claro este aspecto, como no trecho a seguir:

OTELO - Talvez por eu ser negro, por não ter os doces encantos da conversa que os cortesãos possuem, ou por ter já descido o vale da idade- mesmo assim nem é tanto- ela partiu, me ofendeu e agora o consolo vai ser odiá-la. (SHAKESPEARE, 2017, p. 200).

Otelo via na marca da “traição” de Desdêmona a sua fraqueza ou, em outros termos, como o “monstro de olhos verdes” (ciúme), sua grande fraqueza. Deste fato, o ciúme nasceu por incitação de Iago (um homem sem escrúpulos, cuja felicidade estaria na infelicidade do outro). Por isso, Otelo que antes amava Desdêmona com todo o seu ser, passou a odiá-la, tornando-se um ser rude grosseiro e até mesmo cruel a ponto de assassinar sua própria esposa.

Após saber de toda a verdade e das injustiças que cometera à sua amada, Otelo tira a própria vida.

4.1.3.2 Desdêmona

Desdêmona - filha de Brabâncio e esposa de Otelo - é caracterizada por ser uma moça muito bonita e com inúmeros pretendentes, que encantava não somente por sua beleza, mas por seus gestos tímidos e ao mesmo tempo gentis que transmitiam calma e leveza aos olhares da sociedade veneziana. Embora Desdêmona, representa-se o papel de mulher obediente, em termos de regras da sociedade da época, ela também apresenta modificações neste comportamento no momento em que foge para ficar com seu amado, enfrentando e deixando o seu pai. Fazendo de Otelo sua égide, passa a obedecê-lo e apoiá-lo em suas decisões, por isso mesmo angariando elogios de quem a conhece, por ser uma esposa muito devota ao marido.

Faz-se importante mencionar que Desdêmona não se apaixona por Otelo pela sua aparência, mas sim pelos perigos que ele correu e pelas suas infinitas batalhas heroicas, que a tocam de tal forma ao ponto dela se fazer submissa ao declarar:

DESDÊMOMA - Que eu amo o Mouro a ponto de viver com ele, Minha extrema violência e meu desdém á sorte. Já esbravejam pra o mundo. Minha essência está Atrelada as virtudes desse meu senhor: Vi na mente de Otelo seu próprio semblante, E ás suas horas e aos seus dotes valorosos Consagrei minha alma e também meu destino [...] (Shakespeare, 2017, p. 155).

A personagem, desde o início até o momento de sua morte, é obediente ao marido. Por exemplo, quando Emília pergunta quem lhe causou aquele mal, ela rapidamente inocenta o seu marido das possíveis acusações, assumindo a autoria da própria morte respondendo: “Ninguém. Eu mesma. Adeus. Vai e me recomenda ao meu gentil esposo. Oh adeus, adeus!” (ibid., p.252).

4.1.3.3 Iago

É o personagem que convence com a dualidade entre o ser e o não ser, num jogo de verdades e mentiras. Segundo alguns estudiosos, é o vilão mais perverso que Shakespeare já construíra, principalmente por que o seu poder de persuasão é tão grande, ao ponto de manipular as pessoas ao seu redor, utilizando-se de uma impecável oratória para satisfazer os seus desejos.

Na introdução do livro “A tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza”, a escritora Lawrence Flores Pereira (2017), acrescenta comentários sobre Iago e o seu controle em dissimular e enganar, dizendo:

Ele encena para si mesmo a arte de não ser o que é, o elogio da dissimulação e da manipulação: “sincero”, “honesto” e prudente diante de Otelo, ele ostenta, diante de Rodrigo, seu virtuosismo perverso e provocante. Seu ideal é o intrigante “cheio dos gestos e jeitos do dever, [que] no fundo só faz é servir a si próprio”, alguém que “dando mostras de bom serviço aos seus mestres, sabe lucrar.” “Eu não sou o que sou”- eis o escudo dos fortes e habilidosos que sabem se desvencilhar dos embaraços das convenções e da virtude, bem como da honra, da humildade e das idealizações do “fino amor”. (Ibid., p. 32).

Iago encenava para os outros representando o que eles admiravam em uma pessoa daquela época: o amor e a lealdade ao seu comandante, a fidelidade e

disponibilidade em sempre “ajudar” e aconselhar a quem precisasse. Dessa maneira Iago é reconhecido ao longo de toda a peça como o “honesto Iago”. No entanto, é desmascarado por sua esposa (Emília).

Fazendo jus á frase “Eu sou o que não sou”, em outros termos, Iago seria na contemporaneidade, a encarnação do mal, no qual as desgraças do mundo são motivos de contemplação.

4.1.3.4 Emília

Mulher de Iago e camareira de Desdêmona, Emília mostra-se sempre disposta a ajudar a sua senhora e, ao mesmo tempo, dedica-se ao marido. No entanto, no final da trama revela a verdade sobre as trapaças do esposo.

È perceptível, portanto, que Emília era fiel a dois personagens: Desdêmona e Iago. Mas, devido ás injustiças, acaba desvendando as maldades de Iago que, enfurecido, mata a própria esposa. Frisa-se, porém, que a personagem não sabia dos atos maléficis do marido, apenas sabia que este gostava de “troles”.

Alguns trechos da obra deixam o aspecto supracitado bem claro, como o seguinte:

IAGO - Sua vadia vil! EMÍLIA - Ela o deu a Cássio? Não. Eu o encontrei. Eu o encontrei. Eu dei ao meu marido. IAGO - Imunda, estás mentido! EMÍLIA - Por Deus, senhores, eu não estou, eu não estou. [...] Assassino... o que fez esse palhaço otário com mulher tão boa? Otelo corre até Iago, mas é desarmado por Montano. Iago apunhala Emília. (SHAKESPEARE, 201, p. 255)

Este trecho também descreve o momento em que Emília revela a verdade sobre Iago e este a apunhala.

4.1.3.5 Brabância

Pai de Desdêmona, representado como um senador de Veneza, Brabância era um homem de muitas posses. Mostra-se contra o casamento de sua filha com Otelo por ele ser negro.

Como já supracitado Brabância é um homem racista, utilizando-se de inúmeras ofensas a Otelo. Quando percebe que seus insultos não foram eficazes ao

ponto de fazerem com que sua filha deixasse o esposo, ele reporta-se a ela, desprezando-a:

BRABÂNCIO - Se eu ao menos tivesse adotado nunca gerado uma criança! Vem Mouro, aqui te entrego de todo o coração o que eu te negaria de todo o coração, se já não a tivesses. E tu, meu tesouro, por tua causa apenas, fico contente de não ter tido outros filhos, pois tua fuga me ensinaria a ser tirano e acorrentá-los. (Ibid., p.153).

Ainda acrescenta, alertando Otelo de que sua filha não era de confiança, já que havia mentido para o próprio pai, o que ela não faria com o marido?

Brabâncio é um personagem que tem uma breve participação, pois este morre logo no início da peça, devido à união de sua filha com Otelo.

4.1.3.6 Miguel Cássio e Rodrigo

O personagem Miguel Cássio, conhecido como um honrado tenente aos olhos da sociedade veneziana. É caracterizado como despercebido ou até mesmo ingênuo, por não imaginar que Iago tramava contra a sua conduta, mudando o rumo da trama, apresentando Cássio como amante de Desdêmona.

Assume o posto de segundo comandante, sob as ordens de Otelo, por sua confiança e amizade. Ele (Cássio) que estava presente ao seu lado, apoiando-o na conquista de sua amada, foi destituído de seu posto (por se envolver em um briga) e então passa a suplicar à mulher de Otelo que o ajude. Este é o momento onde a desconfiança ganha espaço. A saber, Cássio se relaciona com Bianca (prostituta), que mora em Chipre. Esta se apaixona por ele, mas ele se julga conquistador e grosseiro. Otelo cai em fúria por pensar que ele comentara sobre sua esposa, mas, na verdade, estava se referindo à Bianca.

Já Rodrigo é apresentado no início da peça muito interessado pela jovem Desdêmona e ficando entristecido ao saber do casamento da moça. Mas isso não impede o fim da admiração de imediato. Iago o faz persistir, dizendo que a jovem logo seria sua e o convence que não Otelo, mas Cássio seria seu rival. Rodrigo logo se envolve em brigas com Cássio e acaba morrendo em uma delas.

5 ENCONTROS E DISTANCIAMENTOS DAS OBRAS PELO VIÉS DA INTERTEXTUALIDADE

5.1 A intertextualidade exposta nos capítulos 62, 72 e 135

A obra de Machado de Assis, “Dom Casmurro”, surgiu baseada no diálogo intertextual com a peça “Otelo” de Shakespeare e este, por sua vez, surgiu através de uma novela Italiana (supracitada) adaptada e transformada em “Otelo”.

Pode-se observar a intertextualidade no clássico de Machado nos seguintes capítulos: “Uma ponta de lago”, “Uma reforma dramática” e “Otelo”. Como exemplo, é possível mencionar o capítulo 62, intitulado “Uma ponta de lago”, onde o personagem José Dias é comparado a lago. Na obra machadiana, têm-se a relação do capítulo citado, quando Bentinho pergunta como vai Capitu e este lhe responde que vai muito bem, sempre feliz.

Na mesma linha da obra shakespeariana, na cegueira do personagem enciumado, há o apontamento de que a moça estaria louca para se casar com algum rapaz da vizinhança, como se nota a seguir: “Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...” (ASSIS, 2009, p.118). Isso causa uma enorme revolução no interior de Bentinho, provocando-lhe grande frustração, pois, enquanto ele chorava, Capitu vivia “sorrindo”. O ciúme consome o tempo deste personagem e o fato o faz pensar muitas horas durante dias e assim aumentar a sua desconfiança em relação á esposa. Neste sentido, nota-se demarcado o início do trágico e monstruoso ciúme de Bento Santiago.

Apontando para um diálogo intertextual com a obra “Otelo”, de Shakespeare, o personagem José Dias, neste capítulo, seria representado como lago, Capitu sendo Desdêmona e Bentinho, Otelo.

Voltando ao tema em estudo, o ciúme na peça de Shakespeare é despertado a todo instante por lago, um sujeito de mentalidade cruel que faz insinuações a respeito do caráter de Desdêmona, como se pode constatar na citação abaixo:

IAGO- Ela que era tão jovem, que iludiu o próprio pai, cegou o velho como um tronco. E ele achando Que ela era feiticeira...! Mas me vem uma culpa... E peço humildemente o perdão do senhor, por estimá-lo tanto; OTELO- Meu laço e gratidão contigo são para sempre; IAGO-

Noto que o assunto lhe afetou um pouco o espírito.
(SHAKESPEARE, 2017, p. 198).

No capítulo 72 da obra “Dom Casmurro”, intitulado “Uma reforma dramática”, Machado de Assis faz referência aos espetáculos e à compreensão dos espectadores sobre a peça, tendo Otelo como exemplo:

Otelo mataria a si e a Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados a ação lenta e decrescente do ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais da ameaça dos turcos, as explicações de Otelo e Desdêmona, e o bom conselho do fino Iago: “Mete dinheiro na bolsa”. (ASSIS, 2009, p. 134).

Nesta estética, o autor colabora dizendo para os espectadores que os últimos atos explicam o desfecho do primeiro. Isso faria com que as pessoas voltassem, para suas casas, contentes com mais um espetáculo que acaba bem.

Do mesmo modo, no capítulo 135, que leva o mesmo nome da obra Shakespeariana, “Otelo”, tem-se muito presente o elo que une “Dom Casmurro” a “Otelo”, por provocar uma referência ao momento em que Bentinho vai ao teatro e assiste a este drama de Shakespeare, no qual Desdêmona é acusada de traição, sendo assassinada por seu amado, induzido pelas calúnias de Iago. A passagem pode ser notada no seguinte trecho:

O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvir as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que lhe deu aplausos frenéticos do público. (ASSIS, 2009, p.216).

Despertando questionamentos em torno da comparação entre Capitu e Desdêmona, Bentinho suscita itens como: “o que fariam os espectadores se ela fosse realmente “culpada” como sua esposa?”, “Qual teria sido o fim?”. Entre tantos questionamentos surge, inclusive, a ideia de se matar: Bentinho decidiria se envenenar e depois a seu próprio filho, mas isto é descartado em meio a tantas reflexões que faz com o desenrolar da trama. Logo mais, os dois, marido e esposa, decidem que a separação é a melhor alternativa.

Em “Dom Casmurro”, nota-se claramente a insistência de retratar a sociedade tal como ela é, haja vista que a obra é considerada irônica e sarcástica, estabelecendo requintes de crítica à sociedade do período. Assim, por apresentar o

ciúme em seu mais alto nível, a obra retrata o personagem que se transforma em outro ser e destrói assim o amor que tanto lutara para conquistar.

Santiago (1978, p 18) salienta que não se pode esquecer a grande e grave proposição da obra: a consciência pensante do narrador Dom Casmurro, um homem completamente enciumado, já sexagenário, advogado de profissão, ex-seminarista de formação, consciência pensante e vacilante que relata sua história a partir da sua visão dos fatos ocorridos.

Isso implica dizer que em “Dom Casmurro” o ciúme está presente precisamente no personagem principal: Bentinho, sendo ele mesmo quem decide contar a sua história, fazendo-se de vítima, o que em parte é verdade, pois ele foi uma vítima de si mesmo, tornando-se “Casmurro”, fechado.

Tem-se assim estabelecido na obra o amplo espaço em que o ciúme ocupa. Este sentimento pode trazer sérias consequências, quando em demasia, como, por exemplo: modificando comportamentos (antes amáveis, agora agressivos) e fazendo com que a paisagem serena e calma do enredo passe a ser substituída por uma grande tempestade, abrindo a porta para a desconfiança e a intriga e modificando as relações, antes amorosas, constituídas agora de brigas e incômodos.

5.2 Semelhanças e diferenças entre os enredos e os personagens

De tal maneira, a característica citada acima compõe um dos elementos centrais encontrados em “Dom Casmurro”, que pode ser comparado a “Otelo”, de William Shakespeare: o ciúme descontrolado que destrói tudo, inclusive o que antes era essencial (o amor pelo qual tanto lutaram para conquistar).

Destacam-se os principais itens comparáveis entre as obras: o amor que, tanto Otelo, quanto Bentinho, sentiam por suas amadas e estas por eles e; o ciúme que se apoderou e fez com que estes personagens destruíssem o amor que sentiam, sendo a suposta traição de suas esposas, o que motivou a ter seus relacionamentos findados (destruídos).

Neste mesmo caminho, observa-se nas duas obras o amor vivido pelos personagens principais (Bentinho e Capitu X Otelo e Desdêmona), que chegam a concretiza-lo casando-se, como mostra o trecho a seguir sobre o casamento de Bentinho e Capitu:

Na rua, muitos voltavam a cabeça curiosos, outros paravam, alguns perguntavam: “ Quem são?” e um sabido explicava: “ Este é o doutor Santiago, que casou há dias com aquela moça, D. Capitolina, depois de uma longa paixão de crianças; moram na Glória, as famílias residem em Matacavalos. (ASSIS, 2009, p. 175).

Em “Otelo” encontram-se os mesmos aspectos, onde os personagens Otelo e Desdêmona, para ficarem juntos, decidem fugir e casar-se. Mesmo contra o pai da jovem, eles decidem se unir. O trecho a seguir mostra o momento em que Otelo afirma ter casado com a moça: “OTELO - É verdade, eu roubei a filha desse ancião, é bem verdade. E me casei com ela também”. (SHAKESPEARE, 2017, p.150).

Outro componente enfatizado pelos enredos é o ciúme que tanto Otelo quanto Bentinho sentem. A diferença é que o ciúme foi implantado em Otelo por Iago (vilão), já em Bentinho, embora José Dias o tenha instigado uma vez, por si mesmo. Assim, o ciúme presente nas obras dá um direcionamento diferente do que deveria acontecer, aflorando sentimentos ruins e levando a brigas, desconfianças e às conclusões precipitadas (falsas verdades).

As citações abaixo denotam as evidências discorridas anteriormente. Em “Otelo”, tem-se a dúvida nascida do ciúme no seguinte enunciado:

OTELO - acho que ela é honesta e que não é. Acho que tu és justo e acho que não és. Eu quero provas. O nome dela, antes límpido como a frente de Diana, está negro e escuro, como o meu próprio rosto. Se há cordas e facas se há veneno, fogo, correntes asfixiantes, não resistirei. Queria ser satisfeito! (SHAKESPEARE, 2017, p. 204).

E, em “Dom Casmurro”, nota-se o grande ciúme estampado na seguinte passagem:

Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsas, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. (ASSIS, 2009, p.190).

Outra característica presente nas obras é a “traição”. Na obra “Otelo”, ela não se concretizou, sendo apenas Iago (o vilão da história) quem implantou o lenço de Desdêmona no quarto de Cássio. Esta seria, portanto, a “prova” ocular da “traição”. Sobre isto, tem-se o seguinte trecho:

IAGO - E você viu o lenço? – OTELO- Era mesmo o meu lenço?
IAGO- Por essa minha mão, era sim o seu lenço: para piorar, ter que

ver que espécie de estima ele tem por sua esposa! Ela o presenteou com o lenço, e ele presenteou uma puta com o mesmo lenço. OTELO - Eu o faria morrer pouco a pouco a nove anos. Uma mulher fina, uma mulher bela, uma mulher querida! IAGO- Vamos o senhor deve esquecer isso. (SHAKESPEARE, 2017, p.222).

Já em “Dom Casmurro”, as desconfianças de Bentinho sobre a traição de Capitu se fortalecem no enterro de Escobar. O choro silencioso de sua esposa lhe provocava imensa desconfiança, ao detalhar o jeito como ela olhava para o defunto, como se nota a seguir: “No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe soltarem algumas lágrimas poucas e caladas...” (ASSIS, 2009, p.203).

Segundo Proença (2005):

Bentinho viu no ciúme a marca da traição, e assim as respostas para os seus delírios na família. Foi um lago de si mesmo, mas um lago, ele sim, dissimulado, como o próprio nome indica, um santo lago (Santiago). (PROENÇA, 2005, p. 168)

A presença de uma obra em outra, facilita a compreensão e a interpretação. Ambos os clássicos supracitados retratam temas semelhantes, tais como o amor, a traição (ou não) e o ciúme, que ganha enfoque. Reportando-se a esta questão, vale mencionar a autora Kristeva (1974, p.64), afirmando que todo texto se constrói com um mosaico de citações de outro texto que é absorvido e transformado.

Retomando as características citadas anteriormente, afirma-se que também existem características que distinguem a obra machadiana da shakespeariana, como é o caso dos finais surpreendentes. Na peça de Shakespeare, o amor é extinto de tal forma que leva a assassinatos.

Desse modo, o desfecho se apresenta de maneira distinta em ambas as obras, visto que na história de “Otelo” a morte das personagens centrais ocorre de forma planejada pelo vilão (Iago) da peça. Verifica-se que Iago esquematiza todo um plano para arruinar a vida de Otelo, fazendo-o ver em Desdêmona uma mulher infiel. Iago, inclusive, diz que estrangular a jovem é a forma mais eficaz de mata-la. Otelo, ao descobrir que matara uma mulher inocente (extinta de culpa, sua doce e amada esposa), decide também se matar:

OTELO - Que ruído é este? Não esta morta, não ainda? Mesmo sendo cruel, sei ser também piedoso, não gostaria que tua dor se prolongasse. Assim, assim. (ele a sufoca novamente). (p. 250)

OTELO - [...] golpeava um veneziano e difamava o Estado, peguei pelo pescoço esse cão circunciso e o golpeei- assim! (ele se apunhala). [...] eu te beijei, depois te matei: só o que deixo, matar a mim mesmo e morrer com um beijo. (beija Desdêmona e morre). (Ibid.. p. 260)

No entanto, em “Dom Casmurro”, Bentinho e Capitu decidem pela separação, já que não havia mais espaço para o amor no coração do Dr. Bento Santiago. Capitu passa a viver na Europa, mais precisamente na Suíça e acaba falecendo por lá. Quando o seu filho volta para rever o pai é que este lembra ao leitor sobre a morte de Capitu: “Só depois é que me lembrou que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo, falar-lhe na mãe. A mãe - creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça”. (ASSIS, 2009, p. 228).

Dessa forma, é notória que uma das diferenças existentes nas obras se faz no desfecho, uma vez que em “Dom Casmurro” o enorme ciúme atribuído pelo personagem-narrador leva à separação do casal e Capitu acaba falecendo (sem se despedir), longe daquele que tanto amou. Logo o Bentinho acaba sozinho, pois morrem todas as pessoas de sua família, restando apenas ele, o agora idoso “Dom Casmurro”. Já em “Otelo” o ciúme chega a tal, que leva à cegueira diante da verdade, ao escutar somente lago e fazer tudo o que é lhe proposto, até chegar a um ato monstruoso, assassinando sua amada Desdêmona e em seguida ao saber da verdade, suicidando-se. O amor, em ambas as histórias, é extinto pelo grande “mostro de olhos verdes”: o ciúme.

De acordo com a apresentação dos personagens supracitados, a respeito dos personagens centrais (Bentinho/Otelo, Capitu/Desdêmona), em ambas as histórias apresenta-se um herói problemático, cheio de fraquezas e incertezas (Bentinho e Otelo) em relação ao amor e à fidelidade de suas esposas.

Contemplando a leitura de Shakespeare, nota-se no perfil de Otelo um homem com um alto cargo da república de Veneza e, na leitura de Machado de Assis, o personagem principal é Bento Santiago, um jovem seminarista da alta sociedade do Rio de Janeiro. É notório que estes personagens possuem linhagens nobres.

Reportando-se novamente para o caráter intertextual, o autor Jaques Derrida (1975, p. 93) enfatiza que “Um texto é sempre depositado de elementos vindos de outros textos, o que vem apontar então para o caráter intertextual que deverá ter sua leitura”.

No que diz respeito às protagonistas (Capitu e Desdêmona), ambas são muito bonitas, encantadoras e apaixonadas por seus maridos. No entanto, são completamente distintas. Capitu não é de linhagem nobre, apresenta-se como uma personagem diferente das demais em muitos aspectos, pois é extremamente inteligente, curiosa, dedicada a aprender tudo o que lhe despertava interesse, não aceitando insultos, tanto é que ela se separou do marido mesmo o amando. Já Desdêmona representa uma figura romântica, submissa ao marido, chegando a ser agredida fisicamente e morta por este.

Reportando-se novamente para as figuras de Bentinho e Otelo, nota-se uma discrepância entre tais personagens, uma vez que o primeiro é jovem e julga sua esposa a partir de ideias que ele mesmo criou e tomou como verdade absoluta. Enquanto Otelo é um homem mais velho e inseguro que, induzido por Iago, tira conclusões precipitadas, ou seja, suas atitudes nunca partiram de iniciativa própria. Sob esta visão, vislumbra-se que os dois protagonistas tomam atitudes distintas: Otelo age impulsionado por Iago de forma descontrolada a ponto de assassinar quem tanto amava e; Bentinho, desesperado, pensa em envenenar seu filho, mas logo descarta esta ideia e reflete que o certo a fazer seria simplesmente se separar. Portanto, vê-se uma atitude impensada no descontrole de Otelo e uma atitude, embora infeliz, sábia inerente a Bentinho.

Compreende-se que existem muitos aspectos que ligam uma história à outra, mas é a presença do grande e espaçoso ciúme que cega ou distorce o olhar dos protagonistas e faz com que estes destruam o amor que sentem, mudando toda a sua trajetória para um caminho incerto e tenebroso.

Quanto à presença dos personagens secundários acusados de praticarem traição, apresentam-se Escobar (muito amigo de Bentinho) e Capitu. Mas, em nenhum momento o autor deixa claro que houve traição. Já em "Otelo", é Cássio quem é acusado de traição juntamente com Desdêmona. Aqui é possível perceber que Cássio é plenamente inocente, pois a obra é explícita quanto à integridade e o caráter do jovem.

Assim sendo, ao relacionar as semelhanças observadas entre Otelo e Bentinho, são notórias as suas inseguranças e os seus descontroles em relação ao ciúme (sentimento que, cultivado em altas doses, destrói todos os outros). A desconfiança e a dúvida contribuíram para um desfecho surpreendente e ao mesmo tempo realista, ao colocar em seus enredos sentimentos que estão presentes na

sociedade, dialogando diretamente com ela. A cada página virada, a mudança dos personagens é perfeitamente visível, tornando as histórias ainda mais interessantes.

5.3 A tragédia e o romance em caminhos similares

Quando se analisa o romance, percebe-se que o romancista estuda de forma minuciosa as atitudes do homem em sociedade. Observa o comportamento, as relações humanas juntamente com suas devidas ações e o seu contexto social que, por sua vez está ligado diretamente à vida, ao mundo, ao homem e aos fatos apresentados que passam a se constituir com o auxílio do narrador.

Já o gênero dramático, mais precisamente a tragédia, não necessita do intermédio do narrador, uma vez que os fatos são apresentados diretamente aos espectadores, por apresentação teatral. De tal modo, apresenta-se também como objeto de leitura. No entanto, para corresponder à sua essência, precisa ser encenada, ou seja, precisa ser apresentada no palco, com a participação de atores. Dessa forma, a realidade passa a ganhar vida através da encenação.

O Romance constitui sua narrativa no passado, no entanto, a narrativa no presente se faz na Tragédia.

Embora haja muitos aspectos que diferenciem a tragédia do romance, é possível identificar características que as tornam similares, tais como: Serem escritas em verso ou em prosa; Utilizarem como espaço a sociedade (na obra “Otelo”, o espaço é a sociedade veneziana, já em “Dom Casmurro”, a sociedade brasileira, mais precisamente a do Rio de Janeiro); Dialogarem com as temáticas direcionadas ao relacionamento social (amor, ciúme, caráter e traição); Destacarem nos personagens as suas personalidades fortes (caráter humano) e; Fazerem predominar a característica essencial, o conflito, o entrechoque, um desentendimento entre os personagens. Ademais, o conflito é perceptível nas obras “Dom Casmurro” e “Otelo” no momento da suposta traição das personagens Capitu e Desdêmona, julgadas e condenadas por seus respectivos esposos Bentinho e Otelo.

O conflito é uma breve apresentação do surpreendente desfecho que o dramaturgo inglês William Shakespeare e o romancista brasileiro Machado de Assis criaram para prender o leitor e fazer com estes se deleitem a cada página de suas belíssimas criações (obras).

5.4 A relevância da intertextualidade na literatura

A literatura é uma arte, que permite criar, recriar, compor uma realidade a partir dos elementos que o escritor escolheu para embelezar o seu texto (sendo estéticos e estilísticos). Percorrendo por este caminho, a literatura conta com a intertextualidade, que é uma arte que possibilita a reelaboração, ou melhor, uma recriação ou redimensionamento do texto. Para tal, muitos escritores utilizam-se da intertextualidade, afirmando que a literatura nasce do diálogo intertextual, consistindo em traduções de traduções.

Para isso, o escritor se apropria do primeiro texto, fazendo suas respectivas traduções, recriando, tirando a essência e as temáticas da primeira obra e assim constrói novos personagens, enredo e conflito, resultando numa nova obra, com suas raízes advindas da primeira. É o caso de Machado de Assis, que, ao se deparar com a tragédia “Otelo”, do escritor William Shakespeare, faz as seguintes reestruturações/reelaboraões, criando “Dom Casmurro”, uma obra que (tanto quanto a primeira) tem o seu prestígio e sucesso único. Contudo, essa intertextualização ocorre sem que Machado se esqueça de referenciar “Otelo”, tanto é fato que este faz alusões explícitas nos capítulos analisados anteriormente, a saber: “Uma ponta de lago”, “Uma reforma dramática” e “Otelo”, que deixam claro o seu diálogo intertextual com a peça shakespeariana.

Reportando-se para a importância da intertextualidade, sobre a criação do segundo texto baseado no primeiro, Santiago (2000) ressalta que:

a partir de uma mediação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformando em autor, tenta surpreender o modelo original nas suas limitações, nas suas fraquezas, nas suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo a sua própria direção ideológica. (SANTIAGO, 2000, p.22)

O autor alude que, mesmo que o segundo texto tenha surgido do primeiro, isso não implica dizer que este (segundo) não tenha a sua própria e grandiosa relevância. Pelo contrário, passa a ter outras características e uma nova estrutura, transformando-se em um novo texto que, por sua vez, passa a apresentar outros personagens, um novo enredo e, sobretudo, um novo e misterioso final, transcrito no dilema da possibilidade de traição.

Contudo, mesmo que “Dom Casmurro” tenha surgido baseado em “Otelo”, sua fama não está ligada somente a ele. A obra machadiana possui suas

particularidades que somente Machado soube distribuí-las. A obra passa a ser consagrada com como um enigma e objeto de discussão até os dias atuais, o que lhe garante sucesso, mesmo que esta se utilize da intertextualidade com “Otelo”, que só favoreceu o seu crescimento e imortalidade no mundo dos clássicos.

É perceptível que a intertextualidade apropria-se de elementos que são essenciais em seu funcionamento, nesses elementos estão à paródia e a paráfrase. A paráfrase é a explicação livre de um texto ou parte dele, sem perder de vista suas ideias principais. Já a paródia é uma obra que imita outra, em geral de maneira cômica ou crítica. Reportando-se a esta questão, vale mencionar o autor San'tanna (2003, P74), esclarecendo que a paráfrase seria uma continuidade do texto, e a paródia uma descontinuidade. A intertextualidade das semelhanças é a paráfrase, enquanto que a intertextualidade das diferenças constitui-se como paródia. E explica que elas estão interligadas fortemente.

Sobre o direcionamento do estudo da literatura comparada, Afonso Romano de Santana (2003) declara que:

[...] durante muito tempo o estudo da chamada literatura comparada foi, sobretudo um estudo das identidades e semelhanças. Procurava-se cotejar e aproximar um autor do outro autor que teria sido a sua fonte ou origem. Criava-se assim uma dependência e uma hegemonia de uma obra (ou cultura) sobre a outra.(SAN'TANA,2003.p.88).

Ou seja, o autor aponta que a semelhança tem sua função destacada enquanto a diferença é apagada. Ou ocorrer de outra forma, agora enfatizando as diferenças ou ambas. E assim devido essas transformações na literatura, muitos estudiosos se dedicaram a explorar, pesquisar e criar algo inovador.

Assim sendo, é correto afirmar que os elementos que compõem a intertextualidade e seu dialogo com a literatura comparada produzem novos textos, sendo eles inovadores e criativos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia abrigou termos bibliográficos para o desenvolvimento da pesquisa, com o intuito de contribuir com os estudos acadêmicos, por meio de uma análise comparativa sobre a intertextualidade nas obras “Dom Casmurro”, de Machado de Assis e “Otelo”, de William Shakespeare.

Para tanto, foram elencadas as mais relevantes referências relacionadas a este tema, ou seja, acolhendo a contribuição de autores que carreguem um peso significativo direcionado às obras aqui enfatizadas, otimizando a construção de um estudo aprofundado e, mesmo com as devidas limitações, direcionando às comparações e aos distanciamentos dos enredos, personagens e escritores supracitados.

Destarte, o objetivo presente na comparação entre as obras já supracitadas visou demonstrar na intertextualidade novas possibilidades de direcionamento literário e, mesmo assim, mantendo uma linha medular entre os enredos e contextos.

Tornou-se cada vez mais notório, ao longo das pesquisas realizadas para a construção desta monografia, que os textos se recriam e se completam ao longo do tempo. As inspirações se tornam reflexos ou complementos da obra original, enriquecendo a formação dos leitores, por fomentar senso crítico em relação às obras e à própria vida.

Foi igualmente perceptível que a comparação das obras através do enredo e personagens se tornou enriquecedor, pois se constataram os encontros e os distanciamentos dos enredos pelo viés da intertextualidade. Ambos agregaram em suas temáticas o amor, a traição (ou não) e o ciúme. Em tais obras, este último (o ciúme) chegou ao extremo, gerando consequências infelizes para os personagens centrais, Bentinho e Otelo. As personagens acusadas de traição se constituem por Capitu e Desdêmona, mas a “prova” da traição da primeira se faz na semelhança de seu filho com o então amigo já falecido e, na segunda por um suposto lenço encontrado no quarto de outro personagem (Cássio).

Retomando os personagens das obras em destaque, de maneira mais precisa Bentinho, notou-se que este possui tanto as características de Iago, como de Otelo, pois Bentinho caracteriza-se como um jovem inseguro e extremamente ciumento. Mas também se mostra cruel ao ponto de desejar a morte de alguns personagens.

Essa afirmação se dá no momento em que este tenta envenenar o seu próprio filho, dentre outros aspectos. Estas atitudes acentuam o que certos escritores afirmam a seu respeito, dizendo que Bentinho “foi um lago de si mesmo”.

No que tange á análise sobre a intertextualidade, ou seja, no diálogo intertextual, nota-se que é riquíssima a presença de uma obra em outra. “Dom Casmurro” se torna atraente e interessante visto que os leitores, a partir de um ponto de vista intertextual, poderão tirar novas conclusões a respeito da obra, engrandecendo-a ainda mais. Dessa forma, garante ao escritor Machado de Assis, outras interpretações e discussão a respeito de seu romance enraizado em “Otelo”, caminhando sempre junto à imortalidade.

Constatou-se que todos os objetivos foram alcançados, resultando que, “Dom Casmurro” tem suas raízes advindas de “Otelo”. Esclarecendo que a intertextualidade tem sua relevância na literatura, pois proporciona o conhecimento de duas fascinantes obras, e ainda apresentou as similaridades da tragédia e o romance; utilizaram como espaço a sociedade, os sentimentos direcionados ao relacionamento social, e mostrando em ambos os enredos um herói problemático. A comparação entre as obras mostrou que estas possuem diferenças e semelhanças, que foram supracitadas no decorrer desta pesquisa, tornando-as únicas e igualmente ricas.

Foi perceptível a importância da pesquisa de cunho bibliográfico, no levantamento de autores e artigos científicos que tratem do assunto abordado e ainda proporcionam a expressão de conhecimentos sobre a vida e as obras de escritores distintos, por meios de trajetórias e os percursos que norteiam o mundo dos clássicos.

Considera-se que os percursos adquiridos durante a pesquisa foram de grande valia para a construção desta monografia, apontando que a leitura torna-se ampliada através da literatura comparada e o diálogo intertextual das obras. Do mesmo modo, os leitores têm crescimento intelectual e aumento do censo crítico, pois passam a conhecer autores tão distintos e ao mesmo tempo tão iguais. Estes leitores deleitam-se nestas fascinantes e instigantes obras literárias, que fazem parte dos clássicos por causa da sua imortalidade na literatura mundial.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**- São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **A tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza**/ William Shakespeare; tradução, introdução e notas de Lawrence Flores pereira; ensaios de W. H Auden.- 1ª Ed.- São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

CALDEWELL, Helem. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. Tradução Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Machado de Assis**: livro do professor/ Samira Youssef Campedelli: - São Paulo: Scipione, 1995.

DERRIDA, Jaques. Glossário. Rio de Janeiro: PUC/ RJ, 1975.

GOMES, Eugênio. In: A. C. SILVA. **Primeiras recepções críticas de Dom Casmurro- Os iguais se reconhecem**. (UEMS). [p.13].

HAURELIO, Marco, **A megera domada**/ William Shakespeare; adaptação de marco Haurélio; apresentação de Assis Ângelo; ilustrações de Klévisson Viana. – São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução a semiótica**. São Paulo, 1974.

MATIAS, Santos Filipe. **A presença de Otelo em Dom Casmurro**. 2010.

PEREIRA, Astrojildo. In: A. C. SILVA. **Primeiras recepções críticas de Dom Casmurro- Os iguais se reconhecem**. (UEMS). [p.4].

PROENÇA, filho Domício. **Capitu**: memórias Póstumas. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2005.

SAN'TANNA, Affonso Romano. **Paródia e Paráfrase e Cia**. 3ª Ed. São Paulo: Ática. 2003.

SANTIAGO, Silvano. **O entre lugar do discurso latino americano**. In: uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silvano. In: F.S. MATIAS. **A presença de Otelo em Dom Casmurro**. (UFV). 2010. [p.139]

VERRÍSSIMO, José. **História da Literatura brasileira**: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1998, intr. De Heron Alencar. 4ª Ed. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1981.